



Planeta

LORENA PORTELA

**primeiro
eu tive que
morrer**

 Planeta

LORENA PORTELA

**primeiro
eu tive que
morror**



Copyright © Lorena Portela, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Edição e revisão (1ª edição): Raquel Lima
Revisão técnica (1ª edição): Juliana Espanhol
Revisão: Aline Araújo e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Camila Catto
Capa: Anderson Junqueira
Imagem de capa: Carolina Burgo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB—8/7057

Portela, Lorena
Primeiro eu tive que morrer / Lorena Portela. - São
Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
176 p.

ISBN 978-65-5535-830-8

1. Ficção brasileira I. Título

22-2896

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está
apoiando o manejo responsável
das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1.



QUANTO TEMPO SE LEVA PARA MORRER?

Pergunto porque tem pessoas que morrem bem lentamente, de doença ou algo assim. Vão morrendo as células, aos poucos, e, então, nada. Ou tudo, quem sabe. Outras se vão rápido. Um tiro na cabeça, bum! Acabou. Uma pancada forte na nuca é daquelas coisas ligeiras que acabam com a vida num instante também. Mas, um instante é quanto, rápido quanto?

E mesmo quem morre devagar, quem está morrendo aos poucos, como dizemos, tem a hora de morrer, morrer mesmo. Aquele segundo – é um segundo, ou um milésimo de segundo ou uma fração de milésimo de segundo? – entre viver e não viver mais. Estar vivo, estar morto. O que separa essas duas coisas, ter vida e não ter?

Os cientistas, os médicos, sabem tudo sobre o desfalecimento do corpo. Os religiosos têm diversas teorias sobre

o destino do espírito. No entanto, a questão não é essa. Não é sobre o corpo parar, nem para onde vai a nossa alma. É sobre o que define morrer rápido e morrer devagar, se, afinal de contas, morrer é uma coisa só. Um ato único, indivisível. Qual a métrica de tempo que mede essa passagem, que define o fim da vida?

Eu olhava o relógio na sala de criação. Aquela parede branca com uma luz fria e umas frases pintadas que deveriam ser engraçadas, mas não eram. Publicitário tem a questão da piadinha. A tirada. Ah!, tem que ser uma frase com “tirada”, dizem, sabe-se lá que merda é essa. E, às vezes, só para ter a porra da tirada, mete uma frase ruim. Foda-se. Tirada ruim, na cabeça de publicitário, é melhor do que um pensamento decente.

O relógio de novo. Os ponteiros. A métrica da morte.

A vontade de desaparecer era repetitiva, como o relógio que eu ouvia marcando segundo a segundo. O barulho do ponteiro se mexendo tranquiliza e desespera ao mesmo tempo. Acho que isso também acontece quando, à beira do abismo, temos consciência de que é o fim. Deve ser tanto triste quanto pacífico saber que acaba em breve. A dor e o descanso, talvez.

Eu queria mesmo estar bem longe dali. E quando eu pensava em longe, não sei por que, visto que nem é assim

tão longe, eu pensava em Jericoacoara, aquela vila que tem a coisa, aquela coisa, que nenhum outro lugar do Brasil tem.

Muita gente, incluindo os *digital influencers* – a nova profissão do mundo inteiro –, fala de lugares na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, mas desconfio. Jeri não tem concorrente, mesmo com o ataque obscuro das privatizações que insistem em destruir aquilo ali. Jeri não é de ninguém e insistir nisso é tipo querer ser dono do céu, sabe? Sequer é um lugar físico. Quer dizer, sim, existe no mapa, mas é besteira definir as coisas assim, com linhas e demarcações. Jeri é pé na areia, caipirosca de seriguela em copo de plástico, PF depois da praia, crepe à noite, brownie de ervas clandestinas, forró com cachorro assistindo, pão quentinho de madrugada e pousada barata, porém honesta. É o pôr do sol com banho de mar mais reenergizante que existe. Ninguém pode ser dono dessas coisas.

Aquela vila pequena é um espaço de sensações que eu repassava na cabeça justamente por não tê-las. Ou por tê-las tão distantes – de mim, do agora – que era como se nem existissem.

Eu estava trabalhando, já há quase seis anos, como coordenadora criativa em agências de publicidade, depois de uma passagem por jornais e estudos fora do país. Dois anos naquela agência atual. Comandava uma pequena equipe e era subordinada a um diretor de criação que comandava a todos.

Um cara muito menos competente do que tinha certeza que era. Menos talentoso do que pensava, mas que se vendia bem e isso conta bastante num mercado cujo propósito é fazer com que todo mundo compre mentiras e finja ser feliz com isso. Ele era o sanduíche que você recebe daquela rede de *fast-food*, que é tão diferente da foto. O vestido que você recebeu do site duvidoso, comparado à imagem que lhe fez confirmar a compra.

Dentre as competências do meu diretor de criação estava a de duvidar de ideias boas do restante da equipe, apenas porque não tinha sido ele o cérebro por trás delas. Também era deveras competente em, acidentalmente, mandar fotos não solicitadas do próprio pênis numa conta do Snapchat que eu usava pouco. Geralmente o acidente acontecia de madrugada. Ainda era bom em gastar metade do salário – alto – em cocaína. Que, às vezes, cheirava no banheiro da agência mesmo. Mas, para isso, eu não dava a mínima.

Era daqueles homens que bastava ver uma vez e qualquer um saberia que, dentre todas as profissões no mundo, ele só podia ser publicitário. O orgulho de ser clichê. Um homem assim, digamos, bonitão até, tem quem goste. Barba e cabelo bem cheios, armações de óculos grossas, pretas. Solteiro, mais de 40 anos na fuça e camisetas de personagens de desenho animado. Tênis com estampa quadriculada. Mais dinheiro gasto em tatuagens do que em livros ou viagens, isso era óbvio. Um filho de 6 anos, criado e sustentado só pela mãe, que ele via a cada 15

dias, mas que rendia fotos, legendas e hashtags bonitas no Instagram. Escrevia sobre o feminino, palavras dele, sem fazer a menor ideia do que estava fazendo. Amava as mulheres, seus corpos, sua liberdade, mas detestava maquiagem, por exemplo. Descobri quando ele disse, para quem quisesse ouvir na sala de criação, que não ia mais sair com fulana de tal porque ela usava maquiagem demais. Eu conhecia a moça e ela me parecia agradável, gente boa, inteligente. Mas foi desqualificada porque gostava de pintar a cara. O nosso homem em questão amava a liberdade, desde que não fosse a liberdade da mulher de pintar o rosto da forma que bem entendesse. E já eram os anos 2000.

Também era DJ, claro, não tinha como não ser. E popular nas redes sociais. Elogios como “foda”, “gênio” eram numerosos nos comentários de suas fotos – as que eu rolava minutos a fio a fim de alimentar o desprezo e o desgosto. *Gênio*. A descrição dada a Einstein ou, sei lá, a Saramago, era distribuída sem economia ao meu diretor de criação, o rei da tiradinha.

Os elogios, muitos, vinham de mulheres, sim, mas principalmente dos amigos homens, tremenda *broderagem*. É curioso observar que homens são econômicos ao elogiar mulheres pelas quais eles não têm interesse sexual. Não é comum ver comentários masculinos sobre trabalhos ou performances femininas em perfis ou sites de intelectuais, artistas, cantoras, filósofas, escritoras e afins. Mas esses mesmos homens não perdem tempo em lambar e alimentar o já grande ego uns dos outros nas redes sociais ou em

qualquer espaço público. Querem ver um homem babar? Coloquem outro cara mediano na frente dele.

Entre fotos de pênis meio embaçadas e flagras de um nariz esbranquiçado, eu passava meus dias – e noites – na agência. Sacrificava fins de semana, feriados, saúde, mente, corpo. Relacionamentos também.

Não que terminar os relacionamentos que eu tinha fosse uma grande tragédia emocional, convenhamos. Mas os amores nasciam e morriam sem que eu me desse conta da *causa mortis*. Na boca deles, dos caras, o obituário vinha com o meu nome na causa. Devia ser mesmo, nunca contestei, não tinha ânimo para isso. Às vezes, nem abria a porta para que eles saíssem. Quando sair, apaga a luz, eu dizia, preguiçosa, largada, sem energia nem para odiar.

Esta sequência de lembranças era repetitiva na minha cabeça. Diariamente. Incansavelmente. Uma cascata ininterrupta. Um pensamento que levava a outro e trazia outros, e outros, me levando para um buraco cujo fundo podia sempre ir além.

Quando a velocidade desses pensamentos aumentou, contrastando com os meus movimentos, chegou a mim a notícia de que eu precisava de uma pausa. Não de férias, que me deixavam mais cansada. Pausa mesmo. Um hiato, um espaço de tempo determinado clinicamente para que eu pudesse me cuidar. Tratamento foi uma palavra que escapou uma vez. Achei meio forte e mudaram a

palavra. Tiveram mais atenção e virou “se cuidar”. Essas palavras se amontoavam num conjunto de significados que eu desconhecia.

A sugestão, na verdade, veio da Denise, minha amiga terapeuta, e de meia dúzia de outras amigas preocupadas com os meus aparentes cansaços físico e mental, com o meu isolamento por conta do trabalho, com minhas olheiras e perda de peso. Essa última era algo que me incomodava, especialmente.

Os elogios ao meu corpo chegavam sem convite. Perguntavam sobre o tipo de dieta que eu fazia, se era a do carboidrato, da proteína, da lua, do chá, do jejum. Diziam que eu estava elegante. Eu achava curioso o uso do adjetivo elegante relacionado a mim, enquanto eu usava calça jeans, camisa e tênis. O cabelo estava sempre preso num rabo de cavalo preguiçoso. O elogio, no entanto, era recorrente. E tudo que eu via em mim era alguém que não comia por apatia, porque o mundo era um lugar sem gosto, porque acordar todas as manhãs para cumprir prazos inviáveis e lidar com um diretor tirano e boçal é dessas coisas que impedem a comida de passar pela boca.

Além da montanha de trabalho, a relação com ele, o diretor, transformava a minha energia em lodo. Mais ainda porque eu era uma das únicas três mulheres da equipe (incluindo uma estagiária) e nosso chefe o apoiava em quase tudo. Tinha muita discussão dentro da sala, muita interrupção em reuniões, muita refeição sem sentido. O trabalho caía como uma pedra na minha mesa, num passe de

mágica, sem sequer ser cogitado para outra equipe. Os trabalhos criativamente menos desafiadores eram meus. Alguns dos mais desafiadores também, quando o intuito era ganhar concorrências.

Não que eu fosse santa, porque eu não era. Eu rebatia, também brigava, gritei umas vezes porque ainda tinha sobrado algum sangue nas veias. Deixava claro que discordava, tentava buscar, em vão, ajuda para mudar o cenário. No entanto, eu estava sozinha nessa ilha. Quando o volume de trabalho aumentava, eu me entregava. Quando eu resistia, era pensando nas outras duas mulheres da equipe, que tinham cargos abaixo do meu na hierarquia da agência. Uma assistente e uma estagiária. Eu brigava porque imaginava as duas pensando: se ela não fizer nada, que esperança nos sobra?

Em alguns momentos, me animei, achando que eu poderia ganhar essa briga. Depois de um tempo, anos, eu não estava mais preocupada em ganhar briga nenhuma, eu só não queria desistir. Como se fazer isso demonstrasse fraqueza, como se desistir de toda aquela merda fosse me diminuir ainda mais, como se fosse possível ficar menor do que aquilo em que eu tinha me transformado. Eu ainda não sabia que desistir, em muitos casos, é ganhar.

E então eu trabalhava doente, com cólicas delirantes – algo que homens são incapazes de entender por pura limitação física, mas que poderiam tentar –, com problemas graves na família, com dor de barriga, com relacionamento fodido. Já havia chorado no banheiro, já havia vomitado de

nervoso, escondida, para ninguém me ver. Tomava doses de café e energético suficientes para manter um cavalo de corrida acordado. Dirigia meu carro de manhã pressionando a lateral da minha barriga contra a fivela do cinto até ficar a marca, até criar uma crosta, até eu tirar a casca. Para sentir dor e esquecer o nervosismo de estar a caminho do trabalho. Um autoflagelo antes das 8h. Era meu café da manhã. Bom dia.

Tudo por um salário decente – que pagava minhas contas, meu aluguel de apartamento com varanda, minha terapia, e sobrava, ok – mas era principalmente por razões que eu não entendia. Também para ver aquele babaca com quem eu dividia uma sala ganhar prêmios à custa da minha equipe, em festas que eu odiava, com gente que eu desprezava.

Como é patética a figura de alguém que ama ganhar sozinho os louros de uma equipe inteira. Ele lá, em cima do palco, aplaudido, vomitando ética e trabalho duro. A lembrança do pau dele, mediano e meia-bomba depois de uma patolada nervosa, bem diante dos meus olhos.

Eu não costumava recorrer a memórias do passado, mas a foto daquele pênis me lembrava com mais nitidez do que eu gostaria da primeira vez em que fui constrangida no trabalho. Assédio não era uma palavra que usávamos muito naquela época. Adotávamos, quando muito, um “constrangimento”, uma coisa que não parece assim tão grave.

Foi no alto dos meus 19 anos, dois anos depois de eu ter perdido a virgindade com um namorado que me adorava. E que, por me amar *tanto e tanto e tanto*, como dizia, me pressionava dia e noite para que o sexo fosse a prova da reciprocidade. Acabou que provei meu amor e depois tinha que provar mais. E as provas de amor não podiam parar. Mas essa é outra história.

Dezenove anos, meu primeiro estágio de quatro horas e um salário risível. Uma ajuda de custo, digamos. *Mas que sorte a sua, muitos não conseguem estágio no primeiro semestre da faculdade*, a frase se repetia com frequência. Meu chefe era feio, dentes horríveis, uma cara mal diagramada mesmo, e pequeno, casado, dois filhos, uns 50 anos. Um dia me chamou para sair, para ir vê-lo tocar num show de rock. Rá!

Não entendi o convite, ele insistiu. Depois entendi o convite, mas fingi que não. Talvez para ser mais claro, ele criou o hábito de fazer massagens nos meus ombros quando passava por trás da minha cadeira, sob o olhar atento dos meus colegas. Eu com meu corpo teso, gelado, torcendo para que fosse só massagem, implorando aos deuses nos quais eu não acreditava que aquele projeto de homem só quisesse acariciar minhas costas enquanto eu engolia a ânsia de vômito, o próprio vômito, mas que fosse só aquilo e que acabasse logo. Ele sempre teria massagens para fazer considerando a tensão que me causava e meus ombros, sempre rijos de medo, eram motivo de observação, ora vejam só. Nossa, você está muito tensa, gatinha, precisa relaxar

um pouco, dizia, com a voz melosa e doce como flor de funeral. Eu queria relaxar, na verdade. Mas as mãos dele em cima de mim não ajudavam muito.

Passei a sentir a barriga a menos cinco graus Celsius a cada vez que ele se aproximava. Minha concentração diminuiu ao longo dos meses e levou meu rendimento junto. Com a produtividade baixa, o projeto de hobbit pediu para que eu sentasse numa mesa bem ao seu lado, para que ele pudesse acompanhar meu trabalho mais de perto. Vai ser bom pra você, ouvi. Ao invés de melhorar o meu ritmo e a minha performance de trabalho, passei a ouvir ligações que ele fazia para mulheres com conteúdo nauseantemente erótico. O fato de eu estar bem ao lado dele não o inibia, pelo contrário, alguma coisa me dizia que o fato de eu estar ali do lado era o que o encorajava. E tinha o extra de um barulhinho feito com a boca, os lábios se despregando daquela caverna medonha, cheia de dentes tão feios quanto.

A minha vergonha, no entanto, aumentou quando comentei por alto sobre o meu incômodo com um colega e ele me disse que eu era simpática demais e que, talvez por isso, o chefe tenha se sentido à vontade comigo, que não era motivo para histeria da minha parte. Histeria. Eu não estava histérica. Eu estava tensa. Com medo. Com vergonha. Eu tinha 19 anos. Era meu primeiro trabalho. Eu não sabia o que fazer. Foi a minha primeira desistência de um emprego. Mal sabia eu que os próximos não seriam assim tão diferentes.

Mas isso faz tempo.